

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Quando julgavamos ter de lutar com sérias dificuldades para desempenharmos a tarefa deste artigo, de um modo digno de nossas leitoras, eis que nos apparece novo assumpto fornecido pelo bom gosto e distincção sempre crescentes do mundo elegante.

Realmente, passando em revista a historia da semana que findou, teriamos apenas que entreter-nos com o theatro lyrico e com alguma reunião de familia que por ahí houvesse tido lugar, se a sociedade *Phil-Euterpe* não tivesse, na noite de 4 do corrente, registrado nos aunas das nossas sociedades um facto que assignalára a sua brilhante existencia com gloria para a sua digna directoria. Fallamos do seu baile.

Figurai-vos, leitoras, apeando-vos de vossas carruagens n'um magnifico saguão, e vendo uma elegante escadaria, inteiramente de um riscó novo, formada por dous braços ellipticos que se reuñem em meia altura do pavimento, para dar-vos passagem por uma outra escada larga que vos colloca, em cima, na porta de um magestoso salão, de cem palmos de comprimento sobre quarenta de largura, illuminado por 5½ bicos de gaz, repartidos por tres ricos lustres e arandelas. Antes porém do entrardes nesse magestoso salão, dirigi-vos á porta que vos fica á direita, para vos achardes na ante-camara da sala particular das senhoras, onde podem estar constantemente

cincoenta ou sessenta a occupar-se de algum arranjo necessario aos seus *toilettes*, ou a descansar em mais liberdade, ou mesmo a apreciar a elegancia e bom gosto do serviço, dos espelhos, dos moveis e dos adornos desse luxuoso e perfumado *toilette*. Passai agora por uma porta que vos fica á esquerda, e apresentai-vos no lado direito do salão, em frente a um lindo coreto semi-circular, illuminado por quatro bicos de gaz, e guarnecido de uma delicada grade, em frente de um estrado, e contemplai a elegancia e graça de vinte e tres senhoras, todas em gracioso *toilette* branco, que execução, acompanhadas pela orchestra, escolhidas e difficeis pegas de musica com que a rebatão um auditorio de cerca de quinhentas senhoras e outros tantos cavalheiros, as quaes guarnecem os lados do lugar de distincção onde se achão assentadas Suas Magestades Imperiaes.

Terminada porém a parte musical da reunião, acompanhai os Augustos Hospedes á uma sala que se communica com o salão por duas portas fronteiras ao coreto, e notai ahí os ricos e delicados moveis, os espelhos, e o damasco especialmente, destinados ao serviço de Suas Magestades. Por essa sala se entra no *toilette* reservado á Sua Magestade a Imperatriz, ornado da melhor maneira por que cumpria ao seu destino, e communicando com o *toilette* destinado para Sua Magestade o Imperador.

Tornai no salão, puseis em roda, e reparai na delicada e caprichosa pintura a fresco de todo elle; trabalho do Sr. Lopes de Barros, guardado por columnas de ordem dorica, em todos as portas, brancas com guarnições douradas. Não tendo ainda reparado em tudo, admirai as delicadas grinaldas de flores, pintura do grande toco aboboadas, do pizal de Sr. Gomes, e ainda notaveis duas lindas grinaldas de azeitunhos nos laços da mesma sala.

So corredes o resto da casa, vereis no humo uma sala, onde está servida uma esplendida ceia para os Augustos Hospedes; alguns outros commodos para cavalheiros, e o impenso salão da frente, que domina a rua por nove janelas, iluminado por tres lustres, e communicando com a escada de entrada, que o separa do salão principal.

Eis ahí, leitoras, quanto observastes se lá estivesseis, ou poderies ter observado se tivesseses feito parte da companhia, que conservou a animação e constante enthusiasmo de um baile exaltado pela sua novidade na litta casa nova; a magnificência, e sobretudo pela presença de Suas Magestades, que honrarão a sociedade *Phil-Euterpe* nesta reunião, em que o directoria comprehendem fazer um beneficio para o recolhimento de Santa Thereza, do qual é Sua Magestade a Imperatriz a Protectora.

Para este fim achavão-se duas respeitaveis senhoras collocadas aos lados da entrada do salão, acompanhando duas educandas do recolhimento, para receberem as esmolas das convidadas que quizessem voluntariamente socorrer para a realisação do beneficio. Estas senhoras foram a senhora do presidente do recolhimento, o Sr. visconde de Abrantes, e a do presidente da sociedade *Phil-Euterpe*, o Sr. Dr. Siqueira.

O limitado espaço destinado a este artigo não me permitte ser mais minucioso na descripção desta reunião; uma das mais notaveis que tem tido o Rio de Janeiro. Mas as nossas leitoras conhecem ha muito o hrio, e cavalheirismo dos membros desta distincta sociedade, e o apurado bom gosto e particular empenho da sua directoria em promover o engrandecimento della. Deve a directoria orgulhar-se de haver perfeitamente attingido a meta de seus desejos, e estar conscia de ser erectora do reconhecimento da sociedade.

O srão do Sr. Conselheiro Nabuco de Araújo, na noite de 1.º do corrente, esteve completo. A numerosa companhia, que S. Ex.ª e sua digna esposa sabem entreter com attentões e agrados de uma cordialidade captivadora, ainda hoje recorda com prazer os gozos dessa bella noite de uma esplendida reunião.

Ao fechar este artigo recebo uma cartinha da nossa escriptura Christina encarregando-me ainda de vos apresentar a descripção da Estampa, assim como a descripção de alguns dos millos e lindissimos *tableaux* noyos que estreirão no baile da sociedade *Phil-Euterpe*. Apesar de não ser eu a habitada para tal delicada incumbencia, entretanto vou fazel-o para vos servir, leitoras, em cuja indulgencia confio cordialmente.

Principiarei por quem principio; sempre que penso em um anjo de virtude e bondade. S. M. a

Imperatriz trajava um purissimo vestido de tafeta branco, orlado de folhos de tafeta branco e folhos de tafeta cor de rosa, enfeitadas deliciosamente com franja de blond e marabús. Penteado de blond e marabús e flores cor de rosa.

A Sra. Dona M. C. de A. Vianna — Vestido de filo cor de rosa, de duas saias, enfeitadas de grana de flocos, e marabús com marabús e grana cor de rosa. Grinalda com marabús e grana cor de rosa.

A senhora do Sr. J. T. Nabuco de Araújo — Vestido de seda branca com folhos e disposição de cores matizadas. Cabeção — Medieis, de renda bordada de cores matizadas e laços. Enfeite de cabeça de fita prateada e lavrada de cores matizadas e franja de prata.

A filha da Sra. Dona M. da Silva Torres. — Vestido de filo enfeitado de folhagem de seda cor de rosa. Cabeção, mangas e penteado, de folhagem de seda cor de rosa.

A senhora do Sr. N. Carneiro Leão — Vestido de filo, com tres saias bordadas de cores matizadas: cabeção de tofo a Fontange, enfeitado de fita oriental. Enfeite de cabeça, de fita verde e ouro, com franja de ouro.

A senhora do Sr. C. J. de Oliveira Roxo — Vestido de filo branco, bordado de flocos azues, com duas saias: cabeção e mangas guarnecidos de franja e de flocos azues. Enfeite de cabeça, de veludo azul com franja de prata.

A Sra. Dona Balbina Q. — Vestido de seda branca com folhos matizados de cores vivas: cabeção a Medieis, de blonde e laços. Enfeite de cabeça, de fita oriental e franja de ouro.

A filha do Sr. N. Nogueira da Gama — Vestido de nobreza azul claro com sete folhos recortados a ferro, quatro folhos azues e tres folhos brancos, pregados na saia, principiando por um azul, depois um branco, outro azul, outro branco: o corpo e as mangas enfeitadas dos mesmos folhos e laços azues e brancos.

A filha do Sr. José Maria de Sá — Vestido de garça com folhos lavrados de seda verde e ouro. Cabeção — Medieis, enfeitado de franjas de ouro. Enfeite de cabeça de fita verde dourada e franja de ouro.

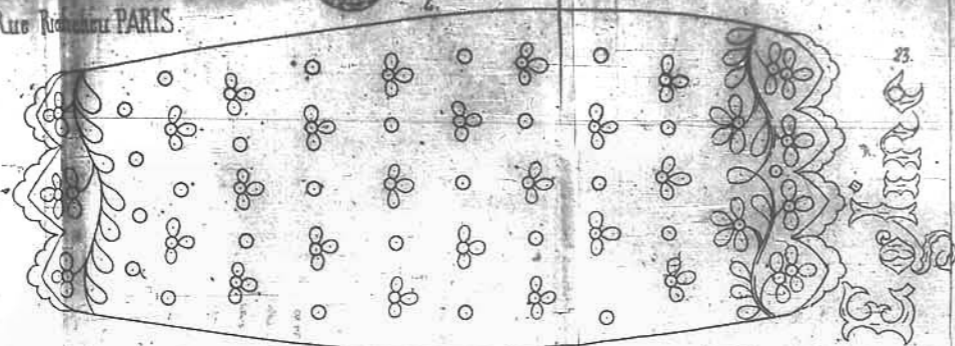
A filha do Sr. A. Miranda da Rocha — Vestido de tarlatana branca, bordado, com duas saias: cabeção da mesma fazenda enfeitado de laços.

A senhora do Sr. Dr. Fontes — Vestido de seda branca com folhos lavrados azues: cabeção — Medieis, de blonde e laços.

A Sra. Dona T. Samman — Vestido de filo cor de rosa com duas saias bordadas: cabeção — Fontanges; enfeitado de laços de fita e blonde. Grinalda de flores cor de rosa e jvas pretas e brancas.

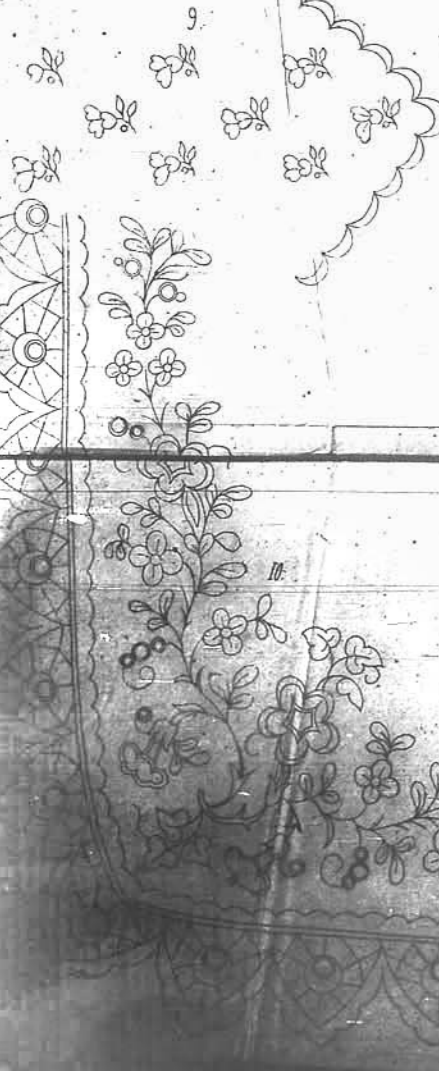
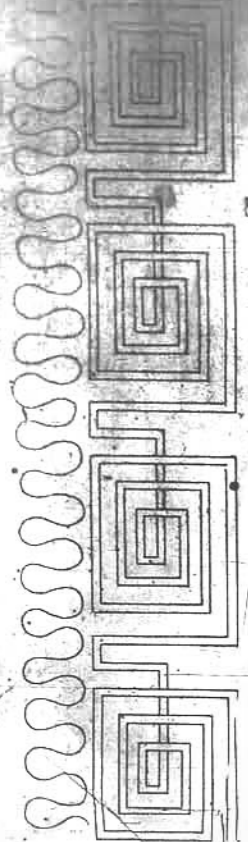
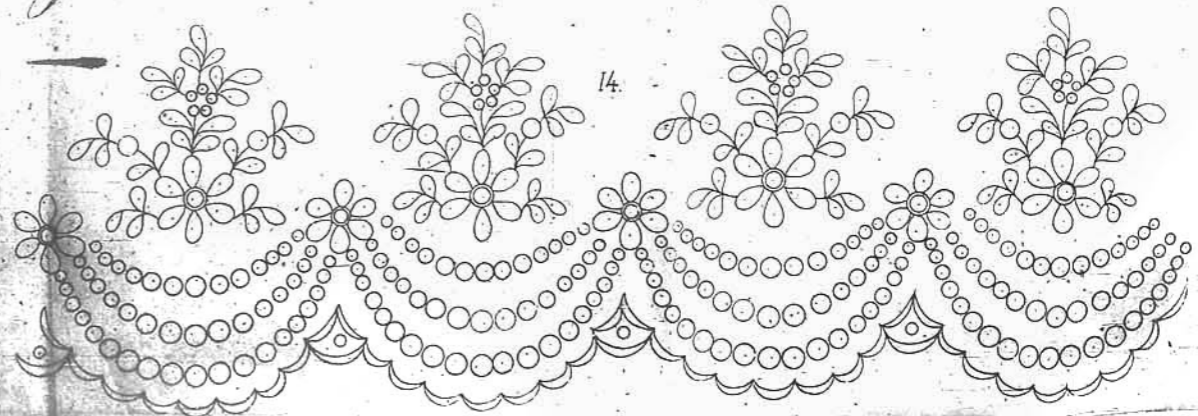
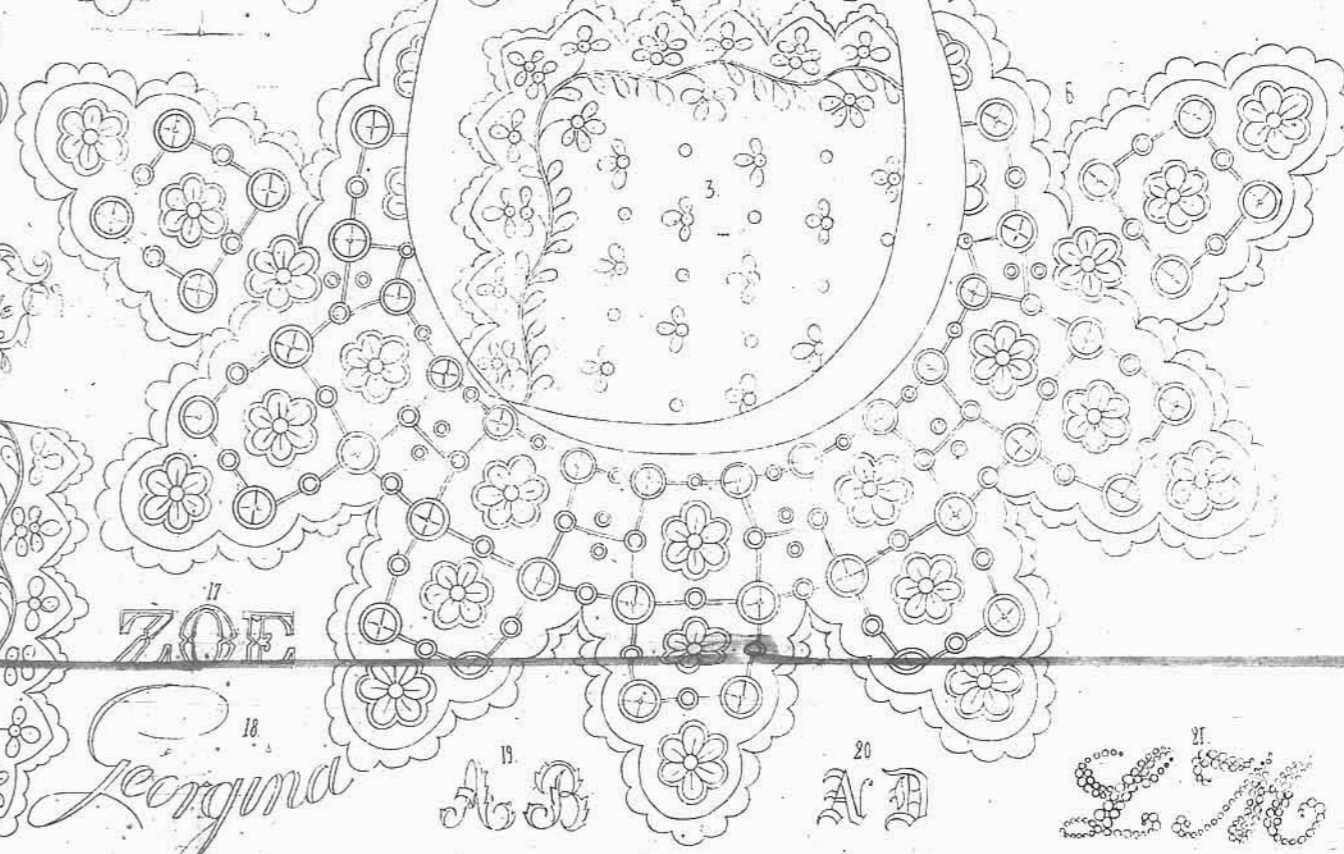
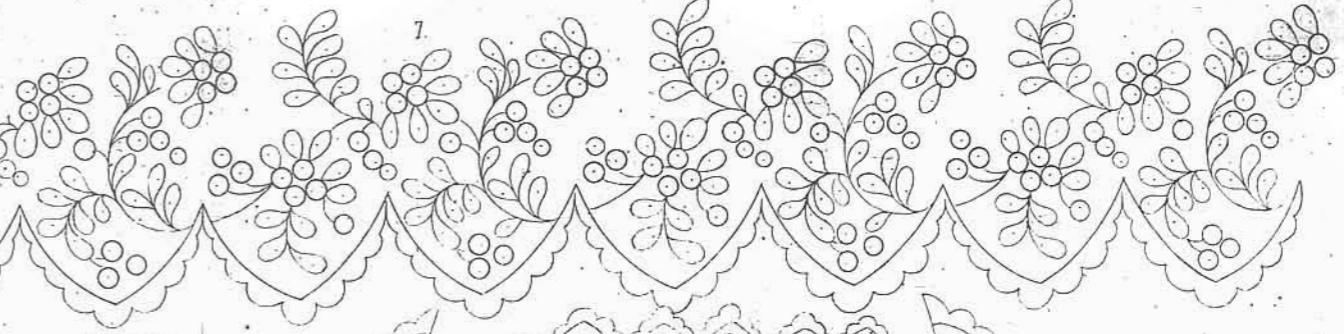
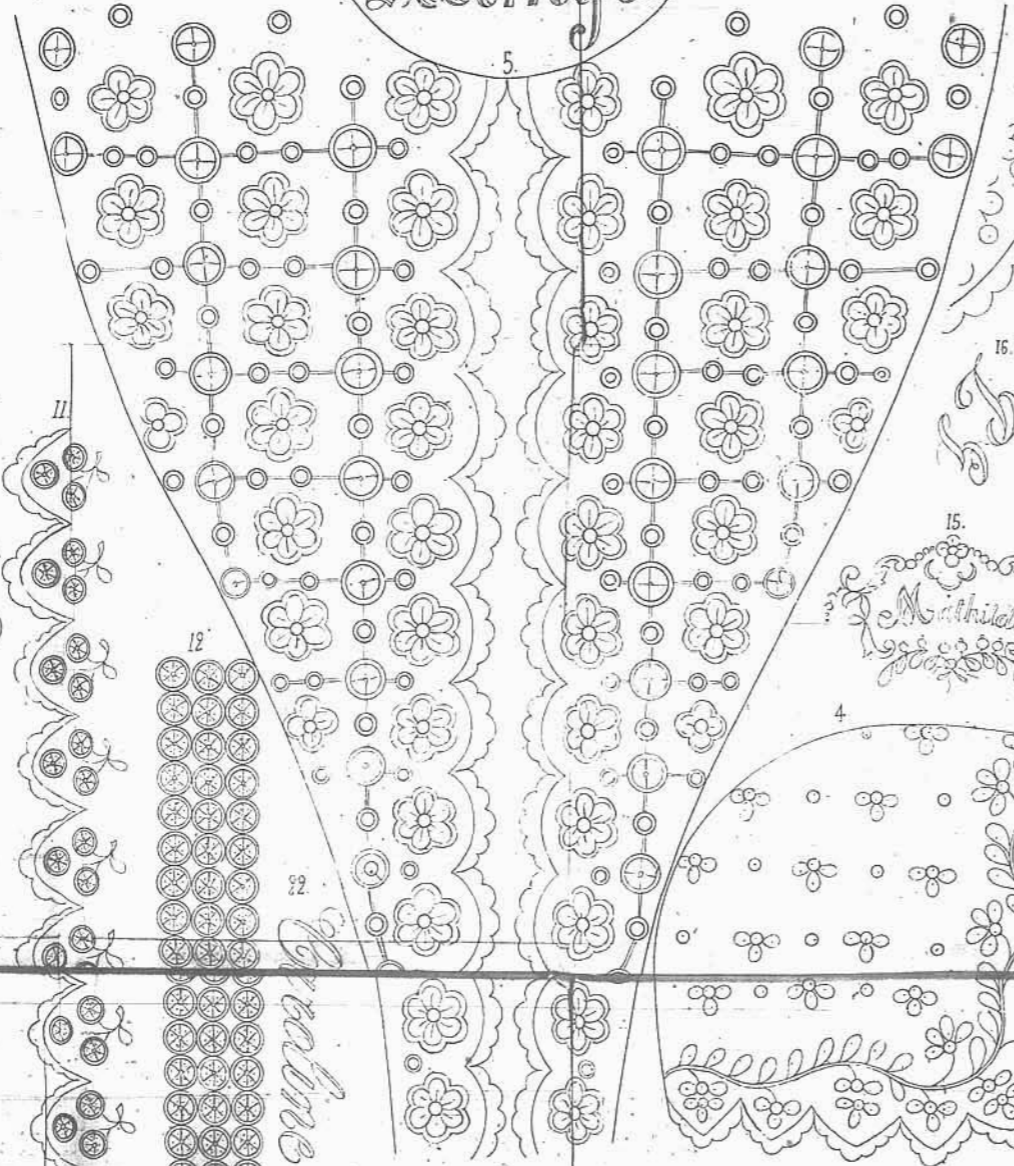
A filha do Sr. Barão do Paty do Alferes — Vestido de escomilha amarello, com tres saias escoltadas de blinhas enreospadas: cabeção Luiz XV, de blonde e fitinhas enreospadas, Grinalda e ramo do peito, de folhagem de seda amarella e de cores matizadas.

A Sra. D. E. Guedes Pinto trajava um vestido



A B C D E F G H I
J K L M N O P Q
R S T U V X Y Z

Palmyre



de filó branco de duas saias bordadas de seda azul. Cabeção de fofos á Fontanges todo enfeitado de fitinhas azues: Grinalda e ranio do peito

de rainhas Margaridas brancas com folhagem de seda azul de Chagot.

Atina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA. — Penteado composto de um bandó mui pouco elevado, apertado por uma fita de veludo que se prende atrás com um laço de pontas fluctuantes. Os cabellos de cima, preparados em um segundo bandó superior, são dispostos em fôrma de saia-rolhas que vem cair em tufo sobre o primeiro bandó.

Corpo-basquine guardaçúdo de renda dentada e saia em mosselina com entremeios e folhos bordados.

O corpo é afogado atrás, aberto adiante e colchetado. É mui justo, e se compõe de folhinhos de mosselina iguaes e unidos por entremeios bordados, enfeitados de pequenos lacinhos de fita setim cõr de rosa, não só a volta toda da abertura como a basquine tambem.

A manga fôrma tres folos separados por entremeios, e termina por duas ordens de guarnição de bordadura dentada, presa em cima por pequenos lacinhos de fita setim cõr de rosa.

A saia é coberta por tres folhos dentados de altura graduada, armados sobre entremeios.

VESTUÁRIO DE UMA MENINA DE 8 A 10 ANNOS. — Cabellinhos em cordão de trança; enfeitados atrás com crespos de fita.

Corpo branco de mosselina bordada de sal-

picos, afogado, e todo franzido debaixo a cima, atrás como adiante.

Manga curta acompanhada de dous folhos largos presos adiante por um laço de fita.

Cintura redonda com fita de moiré branca, rajada de azul. Saia curta de tafetá mode com listras largas de moiré azul. Botinas de tafetá azul.

OUTRA FILHA DA MESMA IDADE. — Chapéo de palha de lustro enfeitado de um pequeno crespo de crepe liso branco e pequenos laços de tafetá da mesma cõr.

Vestido de tafetá rosa. Corpo aberto com pequenas passadeiras encrespadas que continuam em escaula sobre a frente da saia. Uma guarnição de folhinhos borda o corpo e desce guarnecendo as passadeiras da saia.

Manga meia larga á Jeannette enfeitada de crespos de fita.

Camisinha afogada. Sub-mangas e calças de mosselina bordada guarnecida de Valenciana.

VESTUÁRIO DE NENE. — Touca de caça bordada com crespos de Valenciana entremeiados de fita. Vestido comprido, chamado em francez *tabayole*, de mosselina bordada com laços de fita.

ROSA E THESOURO.

CONTO DE FADA.

O mundo é uma cousa bem triste. — É de certo, porque todos o dizem, e não é de crer que todos niñão.

Conheci n'outro tempo, quando eu era ainda pequeno, uma pobre velha que passava a vida ao canto do lume a fiar na sua roca de canna e a beber o seu golle de aguardente, e que, apesar da vida de paz que levava, dizia isto mesmo: e desde então fiquei tão convencido desta verdade, que nunca mais a pude desarraigá da alma.

As velhas de mantilha são ás vezes, e talvez sempre, fataes neste mundo. En, que vou contar-vos uma historia, juda não conheci nenhuma que o não fosse.

Ora, se o mundo é uma triste cousa, é o que á mim me não importa; contanto que tenha as minhas manhãs para dormir, as minhas tardes para pensar e regar a roseira da minha janella, e as minhas noites para conversar com uma moça a quem amo, e olhar para as estrellas do

Céo e para as estrellas mais formosas dos seus lindos olhos.

Mas é sobretudo a minha roseira que me dá prazer. — É porque ella é na verdade a roseira mais linda deste mundo, a rainha das roseiras.

Imaginal, se já alguma vez imaginastes, uma roseira verde e viçosa, que é um gosto vel-a; com as suas folhas recortadas, com os seus foliolos tenros; com os seus aculeos ameaçadores, como os alfinetes de uma formosa esquiça; as suas flores brancas e puras, como a candura de uma virgem; tendo, escondidos no seio, os seus estames como uma mina de ouro, como um thesoouro de encantos?

A rosa branca é a mais linda das rosas! — A rosa da primavera é a mais cheia de perfumes, e pulando pelos prados vive simples e abandonada ao ar e ao orvalho a vida livre dos campos. — A rosa amarella é a rosa exotica, fóra do natural e por isso sem sabor, sem belleza, sem perfume.

— A rosa do Japão é a dona orgulhosa, que vive nas salas, entre veludos, em leitos de ouro, sobre os mais lindos seios que palpitão de amor.
— Mas a rosa branca! candida! — Essa é a rosa das rosas, é a flor das flores; candida, engraçada e pura como um primeiro sonho da infancia.

E sobre uma das rosas brancas da minha linda roseira que se passou o conto que vou contar-vos. Conto de fadas é elle, daquelles de que hoje se ri essa gente por ahi, e que d'antes tanto prazer davão quando erão contados por uma boca bem linda, ao pé de uma fogueira bem acesa.

Hoje ninguém crê em fadas; mas creio eu ainda, porque não vejo razão para deixar de crer.

Quem não crê é máu, eu não o quero ser. — Nem vós tambem, leitoras, quereis ser más; pois assim porque.... nem o sabeis.

Ora pois, vamos á historia.

Uma tarde, uma das minhas tardes felizes, estava eu na minha janella, ao pé da minha adorada roseira; estava a olhar para o Céu, que era cor de rosa, para as nuvens que erão cor de fogo, e grandes como castellos; para as montanhas ao longe, que erão azues; e para o mar, que era espelho daquillo tudo; e cá na minha cabeça a scismar, a scismar porque erão os homens tão máus, e o mundo tão cheio de encantos; quando vi vir pelo ar uma borboleta, uma borboleta linda como os amores. Suas azas erão de ouro, bordadas de azul, e coui dous olhos vermelhos de fogo. — Não vistes, não vistes nunca, mais linda borboleta.

Tarde feliz para mim foi a tarde em que a vi. Nunca pastor cantado por Virgilio, ou por todos que escreverão essas ecologas de saudosa memoria, passou tarde mais simples e mais ditosa entre as flores do prado.

Não me faltava nada senão a harmoniosa flauta, o balar doce dos cordeiros, o estridente ranger da lima de um ferreiro; e em vez do engraçado pular das cabras, o espectáculo desengraçado de um rapaz que saltava freneticamente sobre um marco da rua — *Amenidades* de uma cidade civilisada.

Ora a borboleta veio pousar-se sobre a minha roseira branca, mesmo ao pé de uma industria aranha que tinha viudo ali armar as suas redes de caça.

Esta aranha, que eu havia muito conhecia, tinha alguma cousa de magico e de medonho. Sua forma cylindrica; seu peito ruivo; seu corpo pintado de azul, de vermelha, de amarello; brilhante como uma armadura de papão de drama moderno; os oito olhos que a coroaão, tudo infundia horror.

Parece que esta aranha tinha grande reputação de feiticeira entre os insectos: talvez por ser de outra casta. — É mania em todos, até nos homens que são *razoaveis* e *philosophos* por essencia, attribuir maior valor ao que é estrangeiro.

A boa da borboleta disse então assim á feia da aranha:

— Poderosa feiticeira, rainha dos encantos, minha boa amiga... quero que me salves.... Sou infeliz, e tu bem o sabes.

— Que me queres? perguntou a feiticeira.

— Olha, escuta-me. Já te contei que um dia; quando estava sobre uma rosa branca, como esta em que estou agora.... era n'um jardim de um coude, de um coude que dizião ser muito nobre, muito bonito e muito rico, e que eu queria ver, conhecer, e talvez amar... vi vir um rapaz; nem te sei dizer! amei-o logo. Era elle; era o meu coude. Puz-me a voar, para que me visse; e lancei-o que queria. Elle quiz-me apanhar, fingi fugir-lhe, mas deixei-me prender. — Estava-tão satisfeita de me sentir apertar pelos seus dedos! Resolvi fazer com que me quizesse matar; porque bem sabes....

— Sei, sim; que quando estás em perigo de morrer, podes por uma hora tornar a tomar a tua verdadeira forma.

— E sabes que sou linda....

— Diz o resto! exclamou a aranha com impaciencia.

A borboleta continuou, depois de ter enxugado dez mil lagrimas que corrião dos seus dez mil olhos:

— Ora, para que elle me quizesse matar, fugi-lhe; e depois não me deixei mais agarrar; até que elle, cruel como são todos, quiz-me dar com o lenço. Era o que eu desejava! Quando ia quasi a matar-me, tomei a minha forma de mulher, e tão linda, tão linda era eu, que elle me cahiu logo de joelhos aos pés, e disse que me amava... que eu era formosa... que era um anjo... que nunca amaria outra....

— O que elles dizem sempre, e não cumprem nunca; como nós.... como todas as mulheres.... como toda a gente. — Continúa.

— Abracei-o; beijei-o.... ri... chorei.... Nem eu sei. Estava tão contente, tão feliz! Peguei n'uma gota de orvalho e fiz um palacio de crystal, de um fio de teia de aranha fiz os mais ricos tapetes; com o succo da rosa enchi um lago perfumado; com uma folha cobri um prado de verduras.... E elle quando viu isto tudo ainda me pareceu mais amante, mais apaixonado. Enlaçou-me nos braços; fascinou-me com os olhos de fogo; e senti.... não posso dizer o que: mas nunca tinha sonhado tanta ventura!

— Não digas o que sentiste. Quem é que o não pôde imaginar!

— Pois olha, feiticeira, talvez ninguém: para o imaginar, é preciso amar como eu, e....

— O amor é raro; mas....

— Não é só raro. Estou quasi a ver que não existe.

— Mas essas paixões, esses suicidios....

— Vaidades! loucuras!

E carrancudas ambas ficão em silencio por algum tempo; como dous philosophos de vinte annos que calculão a perdição do seculo ao canto de uma sala de baile, ou dous autores dramaticos que contão pelos dedos as victimas desventuradas dos quintos actos dos seus novos dramas.

— E depois? perguntou a aranha como seguindo o seu pensamento.

— Depois, respondeu a outra, a hora passou, eu tornei-me outra vez borboleta, e elle... nunca mais o vi; fugiu-me; quil-o seguir, mas falta-

rão-me as forças.... fugiu-me.... deixou-me.—
Quero vel-o, quero vel-o; se não.... morro.

E estas ultimas palavras disse-as a pobre da borboleta com tanta dor, que me senti quasi a chorar.

— Queres vel-o — olha que te arrependes... e muito.

— Quero vel-o, quero vel-o, repetiu a desventurada.

— Ah! o tens; vê-o.

E n'uma gota d'agua, suspensa a uma folha, a luz refrangia-se, e os seus raios concentrando-se n'um foco representarão no ar uma imagem ao principio confusa, mas que depois se tornou cada vez mais distincta.

Ora esta imagem representava um formoso joven ajoelhado aos pés de uma candida menina que era um anjo.... mais aiada que um anjo. A menina reclinou a cabeça, e os dous amantes encontrarao-se; depois cahirão nos braços um do outro; depois.... — A pobre borboleta deu um grito de desesperação, e a imagem desapareceu.

— Porque, porque se apagou aquella imagem?

— Quero morrer de dor, mas quero morrer vendo-o. Murmurou a desventurada.

— Tive dó de ti: não quiz que padecesses mais— respondeu a aranha.

— Mas....

— Serás vingada.

Palavras não são ditas, a imagem appareceu de novo, mas a menina já não era aquella formosura angelica que tínhamos visto: era uma velha hedionda, com um nariz longo e curvado, com a testa baixa e enrugada; com os olhos encovados e brilhantes como os de um gato; com a barba quasi tão longa como o nariz; e a boca armada de uns dentes amarellos, longos e agudos como os de um tigre. E o moço conde cobria com delicias de mil affagos, e cada beijo da velha era uma mordedura profunda d'onde corria uma fonte de sangue.

Pouco a pouco os dedos mirrados da velha alongarão-se prodigiosamente, e uma membrana transparente os envolveu; o corpo cobriu-se-lhe de pelo; e a cabeça alongou-se ainda mais; até que tomou a forma perfeita de um vampiro que, abrindo com a sua lingua aguda e penetrante como uma lanceta, a carne do infeliz amante, começou a sugar-lhe o pouco sangue que ainda lhe corria nas veias. E o conde continuava sempre os seus affagos apaixonados.

— Queres que morra? Perguntou a aranha tranquillamente á sua infeliz companheira, a quem a dor tinha quasi feito perder os sentidos.

— Não, não, respondeu esta; não.... talvez que aiada me ainc.... Se me visse, se ainda me visse!....

Tive dó della, e estendi a mão para a matar. Eis que a linda borboleta se transforma n'uma fada mais maravilhosa do que todas as maravilhas que eu tinha imaginado no devanear vago da minha imaginação fantastica.

O vampiro foi-se; ficou só o corpo quasi sem vida do pobre conde.

A fada reclinou-se sobre elle, e perguntou-lhe com uma voz meiga, pura e harmoniosa, como o som que produz a vibração de um crystal — Conheces-me? oh! conheces-me?... Amás-me ainda?....

— Conheço, respondeu o joven amante — conheço, e odeio-te; que é por tua causa que pad....

Mata-o; mata-o; bradou a qobre fada, estendendo as mãos para a aranha.

O vampiro tornou a apparecer; e a fada fez-se de novo borboleta.

Então o vampiro perdeu as azas; o seu corpo começou a estender-se prodigiosamente, e a cobrir-se de escamas que brillarão ao sol com milhares de cores; e transformou-se enfim n'uma gibóia medonha; que enlaçando-se em roda do corpo do ingrato conde, lhe esmagou os ossos, que eu sentia estalar por um modo horrivel.

A borboleta tambem se transformou n'um scorpião; suas azas cahirão; suas antenas tornarão-se longas e ameaçadoras, e sobre suas costas abrirão-se-lhe dous olhos brilhantes e medonhos.

As bordas do vaso de miophá roseira, tornarão-se ardentes; e o pobre escorpião, como esses, que as crianças cercão de um circulo de carvões azeos, deu primeiro umas poucas de voltas para ver se achava uma sahida daquello circulo de fogo; depois tendo perdido as esperanças que tantos martyres tem feito, o infeliz atravessou-se com o seu proprio dardo envenenado — E morreu.

— Pobre, pobre fada!

A roseira seccou; e dentro do vaso em vez de terra havia um rico thesouro de ouro e diamantes.

Estendi os braços para aquella vaso precioso; mas tudo desapareceu.

Isto não tinha sido mais do que um sonho.

Sonho; sonho máu!

Mas, não é sonho, não: é uma verdade, verdade que faz tremer!

POESIA.

PORQUE TE AMO?

Porque te amo, Marília?
Porque te adora na terra?
Porque nasceu este amor
Que meu triste peito encerra?
Porque de mim foge a dor
Só com teu meigo olhar?
Porque a ti, nos cantos meus
Invoco, como a um Deus,
P'ra meus cantos inspirar?!

Amo-te. — Porque és formosa!
Porque és o meu bello dia...
Porque tens uma alma pura
Um coração sem igual!
Porque és tu minha ventura...
Amo-te. — Porque és formosa!

Adoro-te — Que és meu anjo...
O meu anjo tutelar!
Que descestes lá dos céos
P'ra poeta me fadar!
Porque em ti adoro a Deus,
Adoro-te — Que és meu anjo.

Amei-te — Porque me amaste.
Porque p'ra mim te sorriste,
De todos abandonada!
Por te veres desgraçada...
Amei-te — Porque me amaste?

Desterras de mim a dor
De teus olhos com um sorriso...
Porque um sorriso dos teus
E' p'ra mim o paraíso!
Porque me levas aos céos,
Desterras de mim a dor!

Invoco-te, alma pura,
Que és a minha inspiração...
Porque nesta harpa de amor
Só canto terna paixão!
Porque sou teu trovador,
Invoco-te, alma pura!

Não me perguntes a mim
Porque te amo eu assim!
Não, Porque o rouxinol
Gosta de cantar ao sol.
Ao marinheiro mundano
As ondas do oceano.
A aguiá sulcar os ares,
Ao pirata os largos mares...
Ou a leve maripesa
Porque ama o jasmim, a rosa...
O escravo a liberdade...
O arabe a amenidade
De seus desertos sem fim.
Mas não me perguntes a mim
Porque te adoro eu assim?...

ESCUA-ME.

Como o terno passarinho
Que têm o ninho perdido!
Já não gorgeia, não trina...
E' seu cantar um gemido...!

Como o poeta que outr'ora
Alegres sons desferia!
Hoje canta; mas seu canto
Ressumbra melancolia!

Como o bardo que na lyra,
Louvou de amor a ternura!
Hoje triste só lamenta
A cruel sorte perjura.

Como o nauta que no mar
O seu rumo desacerta,
Vagueia triste no espaço
Sobre a onda tão incerta!

Assim eu, ó bem querido!
Te procuro e não te vejo...
Prossigo, éro meus passos,
E mais eu ver-te desejo!...

Em balde buscão meus olhos
O teu rosto; elle se esconde!
Chamo, meu bem, por teu nome,
Só o echo me responde!...

Porém se branda saudade
 Te fizer de mim lembrar;
 Dize a um suspiro dos teus
 — Vai sua dor meigar!

E'se um dia doce lagrimeira
 Despertar-te a minha dor!
 Vem depressa, corre, vae
 A meus braços, meu amor.

M. C.

A FLORZINHA.

Acredita-me, florzinha,
 Amó a tua singeleza,
 Tua innocencia e candura,
 Tua modesta belleza!

Eu te prometti de nunca
 Te esquecer, flor innocente!
 (LEBAEK DE SA')

Eu tenho amado em silencio
 A uma linda florzinha,
 Entre as flores a mais bella,
 Das bellas a mais lindinha!

Não é a rosa; que a rosa
 Não tem a sua belleza;
 Nem tambem jasmim ou cravo,
 Que não têm tal gentileza!

Nem o lyrio da campina,
 Nem a flor da laranjeira,
 Nem a mimosa saudade,
 Nem a perpetua fagueira.

E' uma flor — tão querida,
 Florescendo tão mimosa;
 Linda — assim a fascinar,
 Terna, meiga, tão formosa;

Que ás vezes um anjo eu cuído
 Vel-a na terra a scismar,
 Tangendo as harpas do Céu
 No seu doce psalmear!

E um anjo não é; que anjo
 Não fascina assim — lindinha;
 E' sómente a linda flor
 Conhecida por *Florzinha*!

Flor que a mim me captivou,
 Que roubou-me o coração,
 Que em paga do meu amor
 — Dá-me só ingratidão!

S. Christovão, 1.º de Outubro de 1834.

Innocencio Rego.

O AMOR DE UMA MULHER E O AMOR DE UM HOMEM.

CONFRONTAÇÃO.

Mysterios ha na vida, que ning uem pôde definir; mas que é força imaginar que existem, mysterios que ligão em uma só todas as paginas da existencia, mysterios que nos furtão a razão, mysterios que sentimos sem poder comprehender, mysterios que matão!

São os mysterios do coração!

Coração ha que pulsa tão anciado, como a onda que se debate em torno do rochedo nos dias de tempestade; que soffre, cheio de amargura e magoa, um sentimento occulto, mysteriosa origem do seu penar; coração para quem o existir é pezo intoleravel — mas antes de uma sorte adversa!

E' o coração da mulher!

E o porque padece esse coração um sentimento tão doce quanto amargo, tão querido como cruel, tão feliz como desventurado! E' um sentimento que, uma vez apoderado do coração da mulher, arrasta-a por toda a parte, como se fora

envolta em um turbilhão, ou como que impellida a caminhar por uma estrada, tão estreita, que nem podesse voltar-se para traz, e após ella uma nuvem de fogo que a não deixa parar! Assim passa prados, vales, montes, e sempre arrastada da fatalidade; já pizando rosas, já espinhos, vai até ao fim; até sumir-se em um oceano! Sentimento é este que ella não pôde, que é impossivel dominar!

E' o amor.

E' um amor de mulher! Tão puro como o florir gentil da primavera, como um bafo da natureza; é tão profundo e mysterioso, que ninguem ha que possa definir todos os seus periodos; ninguem que diga serem as suas expressões testemunhas do seu amor: mas ponthão-lhe a dextra sobre o coração, contem-lhe uma a uma essas palpitações anciadas e rapidas, que parecem querer quebrar as barreiras que as cerca; contemplem esse olhar furtivo e languido; a em-

briaguez e docura de um sorriso solitario, a meditação que a toma constantemente, e ahí, em tudo isso, encontrarás amor, amor de mulher!

Quando uma mulher tem amor, o seu coração busca os logares mais ermos, porque se apraz com a solidão, foge do mundo; mas quando, máu grado seu, se vê forçada aos afagos da sociedade seus labios sorriem (triste sorriso!) quando o coração geme nas ancias da saudade! O seu pensamento unico, a sua vida, o seu futuro é amor, e só amor! Se alguém a vira em meio da solidão, na hora que o sol vai esconder-se, quando a natureza é tão fértil de poesia, admirara o pensamento intimo que ali a conduziu!

Quem penetrasse em sua habitação, no meio da noite, ouvira os sonhos encantados, que afação a sua mente mesmo dormindo! Verião que o amor é a alma e vida das suas esperanças!...

Mas o amor tambem mata, tambem enlouquece! Se a mulher tem resignação, só morre lentamente, se a não tem, o desespero é rapido, em um momento se esvã a vida! Se goza pôde enlouquecer, se não goza o amor é morte!...

E' assim um amor de mulher!

Emquanto que o amor de um homem, ardente e insufrido, louco e delirante, espedaca todos os obstaculos que o impecem, caminha através dos inconvenientes como o leão nas selvas; ali não ha meio termo, uma vida de delicias, ou uma morte de desespero e agonia! O homem não sofre em vão, porque o seu amor é tão violento, como o furacão que esvã o carvalho nos bosques, como o oceano gigante a mover-se na fragor da tormenta, á hora que o santelmo brilha no tópo do mastro do baixel que vai afundar-se!

(Continúa.)

ARCADIA FLUMINENSE.

Com este titulo acaba de ser installada uma associação litteraria cujo fim é, não só promover o progresso das sciencias, artes e letras, como tambem o recreio de seus socios por meio de uma reunião mensal: é a cultura do espirito no desenvolvimento das idéas, e a distração no lidar da intelligencia; é o util reunido ao agra-

davel, harmonisando-se o movimento e a vida. Consta-nos que já crêscido numero de socios se alistarão na *Arcadia Fluminense*, e que em breves dias terá logar com toda a pompa a sua inauguração. Saudamos tão util associação, e á juventude progressista, que jámais se esquece das letras patrias.

Baptismos na Russia.

Todos os annos, na estação invernosa, se baptisãm muitas criança na Russia: para esse fim fazem um buraco no gelo do rio Neva; a criança é entregue ao padre, e, se no mergulho que lhe dá, este deixa, por descuido ou por ter as mãos geladas, escapar a criança, levanta tranquillamente a cabeça, como se nada tivesse acontecido, e com todo o socego diz: « Venha outra, áquella lá vai para o Creador. »

Uma praga dos Turcos.

Os Turcos costumão muitas vezes rogar esta praga, quando estão enfadados — *Faça-le Deus como o chapéo de um christão*. Isto refere-se ao motu continuo em que sempre trazemos nossos chapéos para comprimentar as pessoas que en-

contramos, o que elles não usão com os seus turbantes. Na verdade, nada ha mais ridiculo que, para desejar-mos os bons dias á uma pessoa, seja necessario expormos nossas cabeças ao sol, ao vento ou á chuva!

CHARADA.



Sou dous sendo um só;
Sou quarto de um sómente; 2
Sendo tambem um só
Sou um todo exactamente.

As charadas do n. 40 são: 1.^a, *Limonada*; 2.^a, *Crelo*; 3.^a, *Mandioca*; 4.^a, *Saltimbanco*.

Acompanha este n.º 41 uma estampa com figurinos de meninas e de senhora em casa.